

Rose Pinheiro

**EM PRIMEIRO PLANO**

## Agradecimentos

Aos meus amigos, que me incentivaram a continuar a escrever...

À minha revisora, Ana Resende, que me apoiou e alimentou minha imaginação desde o início...

À minha família, que sempre acreditou em mim...

Ao meu amor, que sempre foi minha fonte de inspiração...

## **ÍNDICE**

### **Capítulo 1 - Tremendo nas bases**

**Nova York, aqui vamos nós**

### **Capítulo 2 - Vem cá, Luiza**

**Desconstruindo fantasmas**

### **Capítulo 3 - Separação e reparação**

**Fases do luto:**

**Fase 1: A negação**

**Fase 2: A raiva**

**Traição na contramão**

### **Capítulo 4 - Mudando de tom**

**A Índia: uma filosofia milenar**

**Fase 3: A barganha**

### **Capítulo 5 - Amor, liberdade e disciplina**

**A despedida**

### **Capítulo 6 - Entre o céu e a terra**

**Fase 4: A depressão**

**O poder feminino**

**Fase 5: A aceitação**

### **Capítulo 7 - Cruzando paixões**

**Caminhando na prancha**

**No balanço das ondas**

**Capítulo 8 - Seguindo o fluxo**

**Variando no tom**

**Capítulo 9 - Nas terras do faraó**

**Duplo resgate**

**Capítulo 10 - Vida que segue**

**O retiro**

**Acertando no tom**

**Capítulo 11 - Quebrando a banca**

**Aproveitando o curso**

**Amigas! Ibiza tá bom?**

**Mais que amiga**

**Tocando em frente**

**Capítulo 12 - A favor do vento**

**O perdão**

**As três Marias**

“Você é livre para suas escolhas, mas é prisioneiro de suas consequências.”  
Pablo Neruda



## Capítulo 1

### Tremendo nas bases

Julho de 2017

*Atenção, senhores passageiros! Estamos atravessando uma área de turbulência. Permaneçam sentados, com os cintos de segurança afivelados e as mesas de serviço fechadas e travadas, até que os avisos luminosos sejam apagados.*

Era a voz do comandante na cabine de comando do voo 427 com destino ao aeroporto JFK em Nova York. Lara tomou de uma vez o último gole do Chardonnay e antes que guardasse sua mesinha o copo voou longe com a primeira sacudida que o avião acabara de sofrer. Houve a segunda, a terceira e não parou mais. Uma turbulência bastante intensa e bem diferente de todas que já havia passado. O medo tomou conta de todos ali porque alguns compartimentos de bagagem se abriram e vários objetos foram lançados para o chão da cabine. Os passageiros gritaram na mesma hora em que ela buscou a mão de sua filha, totalmente molhada pelo suor.

— Vamos rezar, Maria Luiza, que já vai passar — disse, esforçando-se para transmitir algum sentimento de fé na voz engasgada.

Lara havia desejado muito fazer aquela viagem com sua filha. Estava orgulhosa de seu trabalho, pois seu artigo fora escolhido para apresentação de um pôster na Semana Internacional de Pediatria em Baltimore. Mas resolveu ficar em Nova York para aproveitar mais a viagem com a filha. Desde a adolescência da menina, elas haviam se afastado e a relação das duas atualmente não era muito boa. Luiza estudava medicina em Maastricht e passava as férias em casa enquanto a mãe se preparava para a viagem.

Três dias atrás, Lara tinha assinado o divórcio e os preparativos da viagem a fizeram se distrair um pouco. Ela atravessava um momento turbulento, cheio de altos e baixos. Ainda tentaram uma reconciliação, mas logo perceberam que não havia como continuar e acharam melhor seguirem caminhos diferentes.

— Mãe! Pegue a máscara — gritou Luiza, trazendo Lara de volta de seus pensamentos, mal acreditando naquela cena do oxigênio caindo à sua frente, como demonstrado pela comissária antes de decolarem. Imediatamente Lara se lembrou das orientações ao mesmo tempo que alcançava sua máscara e olhava para aquela menina apavorada, tentando colocar a sua. Com a máscara ajustada, ajudou a filha, acalmando-a, e segurou novamente sua mão.

Lara sabia que o uso da máscara era muito sério, pois significava perda de pressurização e rápida descida até um nível de segurança. Pois no nível em que normalmente os jatos voam, a doze mil metros de altitude, com despressurização e sem uso das máscaras, teriam só uns vinte segundos de consciência. A morte poderia acontecer em poucos minutos.

Logo depois que as máscaras caíram o comandante falou:

*Senhores e senhoras passageiros, aqui é o comandante falando. Por motivo de despressurização da cabine vamos iniciar uma descida de emergência. Por favor, usem as máscaras de oxigênio primeiramente em vocês mesmos e depois nos seus dependentes. Aguardem mais informações.*

Com a mãozinha suada de Luiza, voltou então a concentrar seus pensamentos na menina frágil e sensível que a filha fora um dia. Luiza era filha de seu primeiro casamento e tinha apenas quatro anos quando o pai faleceu. Sempre foi uma menina esperta e independente, e quando Lara se casou novamente, a menina então com doze anos, sentiu ciúmes da mãe, que tentava equilibrar a atenção do marido e da filha. Mas a relação das duas



piorou ainda mais quando os gêmeos chegaram. A filha, uma adolescente de quase catorze anos, atravessava com dificuldade essa fase “complicada” pela qual Lara tinha consciência de que todos passam. Uns menos e outros mais, como Luiza.

A filha quase não se lembrava do pai, que faleceu num acidente de avião. E naquele momento as duas estavam bem apavoradas. A menina rezou para o pai, pedindo que a ajudasse a ser forte e não a deixasse entrar em pânico. Lara também rezou, pedindo a Deus que as livrasse de qualquer dor ou sofrimento caso o avião caísse. Tentou pensar na filha ainda criança, que adorava escutar as histórias engraçadas sobre o pai. Nessa época, elas eram muito próximas e Lara se orgulhava de ter criado aquela menina praticamente sozinha. Quando Lara teve que dividir a atenção da filha com o novo marido e os gêmeos, Luiza começou a se rebelar, querendo chamar a todo momento a atenção da mãe. Depois que terminou o ensino médio, decidiu estudar na Holanda, o que dificultou ainda mais a convivência das duas. Porém, sempre passava um bom período das férias com a família no Brasil. Gostava dos irmãos e do padrasto, que sempre tentou, sem muito sucesso, ser um pai para ela. Mas era a mãe que Luiza adorava e admirava, embora não conseguisse expressar seu amor e muitas vezes o silêncio era o melhor interlocutor entre as duas. Quando soube que iriam se divorciar, a menina sensibilizou-se com a situação e tentou dar apoio à mãe. Havia chegado de férias ao Brasil uma semana atrás e aceitou o convite de última hora para irem juntas à Nova York e aproveitarem um pouco a cidade. Essa viagem poderia ser uma oportunidade para as duas, Lara pensava. Luiza também.

Lara voltou à realidade quando o comandante informou aos passageiros que tirassem as máscaras. Seus pensamentos agora foram para os filhos gêmeos, Thiago e Felipe, de nove anos, que tinham ficado com o pai. Lara sabia que estavam bem. Jaime era afetuoso, presente e dedicado. Os meninos eram alegres, brincalhões e, como a maioria dos gêmeos, muito amigos. Ela

adorava aquela família onde viveu os melhores anos de sua vida. Soube muito bem como conduzir a separação na presença deles, deixando claro que nada mudaria na vida dos pequenos. Depois da separação do casal por alguns meses, houve uma tentativa de aproximação, mas acabaram percebendo que não iriam conseguir mais viver juntos. As crianças ainda pediram para não se separarem, ao contrário de Luiza que foi a favor e incentivadora da separação.

O avião sacudiu durante a descida e os gritos dos passageiros trouxeram Lara de volta à realidade. Sentiu o medo da morte, de perder a vida que teria pela frente com sua família. *Não!* Depois de tanta luta, tanta dedicação, noites em claro, ela merecia aquela viagem. As duas mereciam aquela chance de se entenderem melhor. De mãos dadas, havia uma sensação de cumplicidade entre mãe e filha. Sentiu um amor profundo e um receio de perdê-la, principalmente quando viu o pavor e o desamparo nos olhos daquela menina.

*Senhores passageiros, aqui fala o chefe de equipe. Dentro de instantes estaremos pousando no Aeroporto Internacional JFK em Nova York. Permaneçam sentados com cintos de segurança afivelados e as mesas à frente, fechadas e travadas. Todos os pertences de mão deverão ser colocados embaixo da poltrona à frente. Pedimos que sigam rigorosamente as orientações da tripulação. Estamos preparados para assegurar a segurança de todos!*

Aquela última frase deixou Lara preocupada. Seria um pouso de emergência com todos, inclusive a tripulação, tensos e preocupados. Muitos ali com certeza nunca tinham passado por um tipo de voo como aquele. Uma senhora na fileira do meio começou a tirar coisas da bolsa e colocar no bolso da roupa. Outra começou a gritar: “Meu Deus! Nós vamos morrer!”

— Não vamos, não! — gritou Luiza. — Vamos rezar — completou, já ouvindo sussurros de orações entre soluços e lamentações.

— Você está certa, minha filha, não vamos morrer — disse a mãe, disfarçando o nervosismo com uma voz calma, evitando o choro.

Sem conseguir pensar em nada além do barulho insano e desesperador dos passageiros, uma última imagem veio à sua mente: seu ex-marido Jaime.

Sentiram o barulho do trem de pouso quicando sobre o chão e logo o avião começou a derrapar. Novamente, alguns compartimentos se abriram e dessa vez arremessaram bagagens, que sobrevoavam suas cabeças. Apesar dos movimentos bruscos, felizmente os cintos de segurança contiveram seus corpos, que foram atirados para a frente em meio aos gritos dos passageiros. Alguns segundos depois, o avião conseguiu parar. Aos berros, os passageiros bateram palmas e mãe e filha se abraçaram, caindo num choro de alívio e união.

Desceram do avião entre sirenes e ambulâncias. Alguns passageiros ficaram feridos, mas mãe e filha estavam bem. Mesmo abaladas pelo ocorrido, sentiram-se aliviadas e agradecidas. Depois de algumas horas de espera e avaliação médica, conseguiram pegar as malas e foram de táxi para o hotel. No caminho, não resistiu e ligou para Jaime para contar o que havia passado.

— Meu Deus, Lara! Que susto. Vocês estão bem?

— Sim, Jaime, foi apavorante... você sabe o quanto tenho medo de avião, mas tive muito mais medo de perder meus filhos, minha família... uma vida passa na nossa cabeça! — Ela queria dizer que havia pensado nele, que tivera medo de nunca mais vê-lo... Mas se controlou, principalmente, porque sabia que ele não estava sozinho e ela ainda tinha Luiza ao seu lado naquele táxi. Apenas perguntou:

— Como estão as crianças?

— Estão dormindo. Amanhã você fala com eles. Durmam bem, que bom que já passou. Boa noite, Lara, um beijo.

— Está bem, ligo para eles amanhã, boa noite, Jaime. — E desligou quase arrependida de ter ligado, mas desejava saber se seus filhos estavam bem. Ficou desapontada por ele ser tão frio e finalizar tão rápido a conversa, mesmo acordando-o àquela hora da madrugada no Brasil. Mas o que ela queria? Ele não podia mais dar e nem ela sabia mais como receber.

Jaime sentiu que tinha desligado muito rápido e ficou pensando no ocorrido, desejando estar com as duas naquele momento. Mas muita coisa já havia acontecido. Estavam separados e divorciados. Sentindo-se confuso com aquela sensação de nostalgia, olhou para sua companhia noturna com quem dividia o lençol e contentou-se com o que ouviu de sua ex-esposa, aliviado por nada ter acontecido com as duas.

Lara sentiu necessidade de falar e encontrar algum apoio. Por que achou que encontraria em Jaime? Sentia-se independente dele, e gostava de ver que era capaz de resolver seus problemas sozinha, mas neste momento da sua vida, ter alguém com quem dividir o susto que passou seria um alívio. Assim que chegou ao hotel e já acomodada em seu quarto, pensou em ligar para seu amigo e advogado, que a acompanhou durante todo o processo de separação.

Quando conheceu Tom nas aulas de yoga, um pouco antes da primeira separação com Jaime um ano atrás, pensou que pudesse haver alguma ligação entre os dois, o que foi prontamente bloqueado quando soube que ele tinha uma namorada. Ela não iria alimentar essa ilusão. Muito menos provocar uma reação anatômica e química entre os três. Era melhor ficar longe da encrenca. Recém-separada do grande amor de sua vida, sabia que estava carente. Uma coisa de cada vez, ela pensava. Não queria se apaixonar naquele momento, apesar de saber que uma nova paixão tem grande chance de ser esquecida com outra. Seu lado emocional a cutucava. Mas Tom, aos poucos, se tornou apenas um bom amigo, apesar da atração que existia entre eles. Nos últimos meses, como advogado, ele contribuiu muito para que a

segunda separação, seguida do divórcio, fosse transparente e sem muitos traumas. Lara o encontrava para almoçar às vezes, com conversas profissionais, mas que sempre terminavam com risadas ritmadas e divertidas, mudando o tom da conversa. Mas era só isso. Tom chegou a convidá-la algumas vezes para um show ou um jantar, mas Lara sabia que podiam confundir as coisas e teve desculpas para todos os convites, que finalmente acabaram, e Tom deixou o charme de lado dando um basta no flerte entre os dois. Foi melhor assim, Lara pensou, se lembrando da simpática e divertida namorada que conheceu numa noite na Dias Ferreira, a famosa rua do Rio de Janeiro que era o novo “baixo Leblon”. Lara estava jantando com Jaime quando viu Tom chegar com uma morena simpática de sorriso encantador e mais o grupo das aulas de yoga. Jaime viajaria para Chicago no dia seguinte e tinham ido jantar fora como despedida. Mas estavam desanimados, sem muito assunto e acabaram sentando todos juntos e a noite foi salva pelo astral que se instalou por ali.

Com o tempo, Tom acabou compreendendo que a sedução poderia ser usada apenas para conquistar uma boa amiga e manter o respeito à namorada e a ética profissional. Seria amigo de Lara sem querer levá-la para a cama, ele tentava se convencer. Lara, embora amiga, mantinha uma certa formalidade entre eles, e Tom envergonhou-se do seu lado machista e estimulado pela educação que recebeu. Carolina, sua namorada, era uma mulher interessante e estavam juntos há quase um ano num relacionamento leve e sem pressão. Tom gostava de Carol e sentia-se bem em sua companhia. Para que insistir na conquista de uma atraente cliente? O melhor era desfrutar da boa amizade que Lara transmitia e deixar o lado “fodão” de lado, ele concluiu.

Depois de um longo banho e enquanto Luiza tomava o seu, no calor da emoção, Lara ligou para o Brasil.

— Oi, Tom — começou, meio constrangida, devido à hora. Torcia para que ele estivesse sozinho naquela noite.

— Lara, que bom ouvir você! Como foi a viagem?

Passaram quase meia-hora ao telefone. Lara contou tudo que tinha acontecido, inclusive a linda conexão que teve com Luiza durante a pane que haviam sofrido. Tom queria saber de tudo nos mínimos detalhes. Lara perguntou por Carol e ficou aliviada por ela não estar com ele. Com certeza, sentiria ciúmes de uma ligação dela àquela hora da madrugada. Tom e Lara não se falavam desde a assinatura do divórcio, apesar dele tê-la chamado para almoçar nesse dia. Mas Lara estava muito triste e preferiu ficar sozinha em casa com os filhos a tentar esquecer sua tristeza com algum amigo. Queria viver aquela sensação de um jeito solitário. Queria sentir que poderia seguir com sua vida. Não era hora de se ancorar em ninguém. Sabia do perigo que corria com aquele homem atraente e gentil, oferecendo companhia naquele momento frágil e libertador.

Luiza saiu do banho e Lara despediu-se do amigo, agradecendo por tê-la ouvido naquela hora da madrugada.

— Cuide-se, menina! Nova York espera por você amanhã.

Naquele quarto grande, dispensaram uma das duas camas queen e dormiram numa só, mãe e filha, exaustas, desfrutando o fato de estarem juntas, vivas e conectadas. Mais uma vez, Lara voltou a pensar em Jaime. Sentiu pena daquele amor ter ido embora... Mas ela tentou... eles tentaram. Talvez não fosse mais a hora. E quem é que sabe a hora?, ela se perguntava... Sentiu uma lágrima escorrer pela face. O sono não chegava, e mais lágrimas molhavam seu travesseiro. Jaime se foi, deixando dois filhos maravilhosos e a certeza de que, em pouco tempo, teriam um bom relacionamento e talvez, quem sabe, ainda seriam amigos.

Lembrou que Jaime não perdeu tempo. Ele começou um relacionamento logo depois da separação, ao contrário dela, que não se interessou por ninguém nesse período além de Tom. Embora sentisse ciúmes de quem dormia com Jaime agora, desejava que ele fosse feliz novamente,

mas no meio do furacão, chegou a desejar que tudo desse errado com ele e que a vida deles voltasse a ser como antes. Depois compreendeu que aquele casamento tinha acabado. Eles seriam felizes novamente. Infelizmente seria com aquela criatura tão insignificante por quem ele se apaixonou ou pensava ter se apaixonado, como Lara preferia achar.

Olhou para a filha que já conseguira dormir e começou a sentir o cansaço do estresse sofrido daquele dia. Após os *pranayamas* aprendidos na meditação, ela conseguiu relaxar e finalmente dormir.

Na manhã seguinte, Lara acordou cedo e olhou para a filha que ainda dormia. Ligou para a recepção da varanda e pediu um café da manhã no quarto. Ainda estava tensa com o ocorrido, além de ter passado uma boa parte da noite pensando no fim de seu casamento. Conhecera Jaime numa festa no momento em que ela estava sozinha e, por causa do calor, tinha ido à varanda tomar um pouco de ar. Uma voz falou perto dela:

— Pensei numa frase para causar efeito, mas acabei tomando coragem e vim te oferecer um copo de água. — Ela se virou e se deparou com um rapaz aparentemente seguro e certo de conquistá-la.

— O que o faz pensar que não bebo?

Lara havia exagerado na noite anterior em ótima companhia, costumava dizer: ela mesma. Uma vez por semana, depois de colocar Luiza para dormir, ela abria uma garrafa de vinho e algumas castanhas e escutava uma música ou assistia a um filme. Às vezes, recebia parentes ou amigas, mas também gostava de ficar sozinha e, dessa vez, não dividiu a garrafa com ninguém.

— Reparei que só bebeu água desde que chegou e pensei em lhe trazer outro copo dizendo que “a água é o princípio de tudo”, mas achei tão ridículo que resolvi não falar nada. A propósito, me chamo Jaime.

Lara pegou o copo d’água e disse, sorrindo:

— Obrigada, Jaime! Eu me chamo Lara! Mas não crie expectativas além de me deixar hidratada — ela tinha visto a frase em algum lugar e achou que pudesse ser engraçada e quebrar a formalidade. Se sentiu ridícula também.

Os dois desataram a rir e foi a vez dela se servir de duas taças de vinho da bandeja do garçom que acabara de passar.

— Um brinde à água — falou.

— Um brinde ao “início das coisas” — completou ele, seguro e um pouco convencido. Passaram a noite inteira intercalando água e vinho durante as conversas à medida que se conheciam. Lara não escondia que tinha uma filha, mas também não costumava entrar em detalhes com ninguém no primeiro encontro. Já havia conhecido caras que nem ligavam no dia seguinte depois de saberem que era mãe de uma filha pequena. Lara achava que os homens, pelo menos, alguns idiotas que tinha conhecido, consideravam que ter uma filha era sinal de problema. Lara não tinha obsessão por casar novamente, mas desejava profundamente conhecer alguém legal e dividir um pouco sua vida. Sentia falta de sexo, mas não conseguia se entregar tão facilmente quando conhecia alguém. E como se dedicava muito à educação da filha, não sobrava muito tempo para procurar. Mesmo tendo conhecido vários amigos de amigas, saído com alguns deles, sempre davam na mesma coisa: em nada. Ninguém tinha despertado e causado tanto efeito como nesse dia que conheceu Jaime. Os dois pareciam encantados e foram um dos últimos casais a sair da pista de dança.

Viúva, com uma filha de quase onze anos, Lara era uma loira atraente de trinta e seis anos e já havia superado o luto há algum tempo. Ela havia parado de clinicar e se dedicado à educação da filha. Seu apartamento na Rua Redentor, em Ipanema, era tão aconchegante que decidiu ficar com ele, mesmo sendo muito grande para as duas. Possuía mais três imóveis deixados pelo marido e vivia bem com a renda que eles traziam. Mesmo assim, voltou a trabalhar após quatro anos por meio-período, apenas enquanto Luiza ficava na



escola. Passava a tarde com a filha, ora estudando, ora levando-a às aulas extracurriculares. Eram muito próximas e se davam muito bem. Conforme a filha crescia, argumentava com a mãe e questionava seus limites nos direitos e deveres. Era hora de ter pulso firme com aquela menina independente e de personalidade forte.

Jaime, três anos mais novo, com um sorriso farto, era conhecido como um solteiro incorrigível, no melhor sentido da palavra. Adorava festas, badalações e mulheres... Um verdadeiro sedutor e convencido do seu fascínio, não poupava esforços para se manter jovem e atlético. Trabalhava como arquiteto no escritório do pai e morava sozinho já há algum tempo. Foi uma paixão à primeira vista e casaram-se um ano depois.

Luiza, que já apresentava alguns sinais de rebeldia da pré-adolescência, sentiu-se em segundo plano, e o casal teve muito trabalho para minimizar ao máximo esse ciúme que a menina sentia.

Após dois anos de casada, aos trinta e nove anos, Lara engravidou. Uma gravidez de gêmeos, que precisou de certo repouso, e Lara aproveitou para escrever um diário sobre a “expectativa de uma mãe”.

Mais tarde, com a chegada de Thiago e Felipe, passou a licença-maternidade escrevendo outro diário de “uma mãe de segunda viagem”.

Os diários acabaram tornando-se livros, e Lara começou a escrever quase diariamente, tendo seus livros editados e reconhecidos na literatura infantil. Escrevia contos inspirados na própria infância e na de Luiza, e abordava de forma lúdica, a saúde física, social e mental. Na época, se lembrava da infância, quando passava horas dentro dos quartos ou bibliotecas de seus primos entre os livros. Observava o tio, preocupado em tranquilizar seus pais, que ficavam constrangidos pela filha ser tão reservada e antissocial.

— Não se preocupe, deixe-a. Vai ser escritora — dizia o tio.

E assim foi chamada por ele durante anos: “a escritora”. Tornou-se uma excelente pediatra, que adorava ler e escrever livros para crianças.

Jaime cresceu profissionalmente no escritório. Seus projetos eram ousados e tinha um sonho de construir uma casa na praia para a família. Lara dividia esse sonho e falava sempre nesse projeto em suas conversas, e eles costumavam guardar fotos de ideias para o futuro. Perdeu o pai, seu parceiro e mentor, quando descobriu que estavam grávidos de gêmeos. Essa perda foi um pouco aliviada pela nova vida que estava vindo. Uma dupla vinda. Com o nascimento dos gêmeos e a dedicação à clínica, Lara não percebeu que aquela garotinha de quase catorze anos precisava muito mais dela do que imaginava. Jaime, que adorava a menina, também não percebeu.

Quando ele não estava trabalhando, se deliciava com aqueles bebês lindos e saudáveis e com a mãe deles, que ficou ainda mais bonita já próxima dos quarenta anos.

Luiza, já rebelde, deixou de ser uma das primeiras alunas de sua série e suas notas na escola tinham caído muito. Vivia no quarto, escutando música ou no computador. Lara até que tentava trazer a menina para perto, mas acabava desistindo e esperava que essa fase passasse logo e como uma lagarta, Luiza saísse de seu casulo para virar uma linda borboleta.

## **Nova York, aqui vamos nós**

*“Não haverá borboletas  
se a vida não passar por longas  
e silenciosas metamorfoses.”*

*Rubem Alves*

— Bom dia, mãe!

— Bom dia, *butterfly*! — disse Lara, sorrindo e apontando o lindo café da manhã sobre a mesinha redonda, charmosa e convidativa do Plaza.

— *Butterfly*? — indagou Luiza, se acomodando e já se servindo do suco de laranja. Ela parecia adivinhar o motivo daquele apelido dito de modo tão carinhoso pela mãe.

— Estava aqui pensando que todos nós temos nossa fase de casulo. Talvez nós duas hoje sejamos lindas borboletas. Principalmente depois de ontem. Ainda ouço os gritos das pessoas desesperadas.

— Mas acho que você se referiu ao tempo em que eu vivia trancada e fechada no meu mundo.

— Na verdade, filha, nunca falamos muito sobre isso. Foi uma fase difícil para você, que precisava mais de mim do que eu oferecia.

— Mãe, hoje vejo diferente. Você estava feliz, envolvida em refazer sua vida com um novo amor. Eu fiquei muito enciumada vendo você tão feliz, linda e magra — mencionou esse último adjetivo num tom de brincadeira.

Luiza começou a ter dificuldade com o peso durante a adolescência. Sempre gostou de comer e nunca tinha sido magrinha na infância. Mas quando percebeu que estava engordando começou a se esforçar em diminuir as calorias e aumentar o gasto calórico com atividades físicas. Mesmo assim, não obteve o resultado que gostaria. Começou a engordar quando os gêmeos chegaram e Lara não percebeu que a filha sofria com a comparação entre mãe e filha que as pessoas faziam.

— Que tal continuarmos essa conversa durante a corrida no Central Park? Não foi por isso que nos hospedamos neste hotel?

Realmente o Plaza não era só um hotel magnífico. Ele era central e muito charmoso. Elas tinham um dia inteiro para elas. O congresso de Lara começaria só no dia seguinte e depois teriam mais quatro dias. As borboletas tinham muito que voar por ali. Terminaram o café e aprontaram-se para sair. Uma linda borboleta!, pensou Lara, com uma sensação de conforto no peito mesmo que uma parte dele sentisse falta do amor que tanto acalmou seu coração nos doze anos que passaram juntos. Estava livre, decidida a ser feliz e

sentiu que a felicidade estava ali, naquele momento, correndo ao lado da filha, com o vento gelado no rosto, no meio de um cenário bucólico da metrópole que lhe estendia a mão para conseguir seguir seu caminho e alçar novos voos.

Antes de começar a correr, deu uma última olhada no celular para pesquisar sobre borboleta e leu para a filha uma definição que tinha separado:

*A borboleta é considerada o símbolo da transformação. Entre outros, simboliza felicidade, beleza, inconstância, efemeridade da natureza e renovação. Os estágios desse inseto (lagarta, crisálida e borboleta) significam respectivamente vida, morte e ressurreição, ou seja, a metamorfose cristã. (Wikipedia)*

Lara sentiu-se uma linda borboleta também! Não só pela metamorfose que estava passando, mas por toda história de amor que tinha vivido. Sabia que borboleta em grego significava “alma” e como amante da mitologia grega, era encantada com a história do mito de Eros e Psiquê, que retrata a união entre o amor e a alma. “Uma alegoria à imortalidade da alma que é colocada à prova por sofrimentos e depois aprovada, recebendo como prêmio o verdadeiro amor eterno.” E Lara acreditava no amor eterno. Ela nunca deixaria de amar Jaime. Esse amor era dela e sempre estaria com ela. Ainda tinha seu próprio amor pela vida e o amor que sentia pelos filhos. Há muito tempo não sentia esse sentimento se manifestando dessa maneira. Estavam prontas para conversar sobre o que se passou.